

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Voto útil já alarma as campanhas de Zema e de Caiado

As campanhas a presidente da República dos ex-governadores Ronaldo Caiado (PSD), de Goiás, e Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, estão com seus sinais de alerta ligados. Não admitem publicamente, mas temem chegar ao final do primeiro turno com menos de 5% dos votos.

A avaliação que seus aliados fazem das pesquisas de intenção de voto apontam que já há uma movimentação do eleitorado em direção ao chamado “voto útil”. Segundo o Dicionário Jurídico, trata-se de uma estratégia de voto em que o eleitor, para evitar a vitória do candidato que rejeita fortemente, opta por outro que tem mais chances de vencer o primeiro, embora não seja esse o nome de sua preferência.

Segundo a última pesquisa Quaest, divulgada na quarta-feira, 5, Caiado obteve 4% das intenções de voto e Zema, 2%. Com pontuação próxima à dos dois está Renan Santos, do Partido Missão. Mas essa é a primeira campanha eleitoral de Renan, e ele veio com um partido recentemente criado. Uma eventual derrota com menos de 5% não terá o mesmo peso que teria para os dois ex-governadores com partidos já estabelecidos. Menos de 5% será um desastre para eles, caso ocorra.

No primeiro turno, a pesquisa Quaest revelou que 39% dos entrevistados estão dispostos a votar no presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), enquanto 30% votariam em Flávio Bolsonaro (PL). Já para o segundo

turno, 44% se disseram dispostos a votar em Lula e 39%, em Flávio. É como se o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro carregasse para si, no segundo turno, praticamente todos os votos de Caiado, Zema e Renan, que somaram 10% no do primeiro turno.

Como se o eleitor dissesse: “Eu gosto do Caiado, do Renan e do Zema, votaria num deles. Mas estou propenso a votar mesmo em Flávio, tanto que já optei por ele em segundo turno”. Isso assusta os candidatos desse segundo pelotão, porque mostra que pode já estar havendo uma escolha agora, com cristalização dos votos finais nos polos principais da disputa, Lula e Flávio Bolsonaro.

Entre o primeiro e o segundo turno, a pesquisa não apontou grandes alterações entre indecisos, ou aqueles que não pretendem votar, ou optam por brancos e nulos. No total, saíram de 18% para 17%. E Lula também parece carrear os votos de praticamente todos os nanicos de esquerda e centro-esquerda que não aderiram à sua chapa.

As campanhas de Caiado e Zema pretendem concentrar esforços em evitar que o eleitor decida agora pelo voto útil. Caiado já havia adotado antes essa estratégia, tentando mostrar na campanha o que ele tem que Flávio Bolsonaro não tem: experiência, moderação. Zema chegou mais tarde na conclusão de que precisa se diferenciar. Até porque, sempre houve a possibilidade de se juntar a Flávio na mesma chapa, como vice.

Mas o candidato do PL não se esforçou em trazer Zema para sua chapa e já anunciou o deputado Alfredo Gaspar (PL-AL) como seu vice. Os Bolsonaro não gostam de assumir compromissos com ninguém, e isso não só impediu eventuais alianças como abriu rachaduras até mesmo dentro da família.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

O pastel e o empréstimo

Políticos, que adoram posar comando pastel em áreas de comércio popular, poderiam, pelo menos, pensar em qual seria a reação do feirante ou de frequentadores de um bar diante de algumas de frases em que tentam explicar o inexplicável.

Segundo reportagens, o presidente Lula teria usado um desses argumentos capazes de provocar risos em qualquer esquina para defender Marco Aurélio Ribeiro Santana, seu ex-chefe de gabinete.

Questionado sobre um valor que lhe fora entregue pela empresária Roberta Moreira Luchsinger, Marcola, como é conhecido, afirmou que o dinheiro era fruto de empréstimo, quitado com o pagamento de R\$ 249 mil. Lula teria, então, dito numa reunião: “Quem aqui nunca pediu empréstimo para um amigo?”.

O petista tem o direito de defender o ex-auxiliar, de pressupor sua inocência, de considerar suas explicações. Mas, presidente, há empréstimos e empréstimos. É razoável pedir para um conhecido pagar um almoço ou jantar, inteirar o dinheiro da passagem.

No limite, não seria inédito pedir algo mais polpudo. Mas, amigos, amigos; lobistas à parte. Pelo que se sabe, Roberta Luchsinger, ex-candidata a deputada pelo PT em São Paulo, é dona da RL Consultoria e Intermediações S.A., é mais um daqueles persona-

gens que gravitam em torno do poder para propor, prospectar e — como diz o nome de sua empresa — intermediar negócios. ntermediações.

Até aí, OK. Apesar de não ser regulamentada no Brasil, a atividade do lobby não é ilegal, empresas e setores organizados da sociedade podem defender seus interesses. Mas não é aceitável que integrantes do governo — ainda mais alguém com acesso direto ao presidente — peçam ou aceitem vantagens de lobistas, por maior e mais desinteressada que seja a amizade entre os personagens em questão.

A posição que Marcola ocupava no Planalto e a atividade profissional de Roberta deveriam ter feito com que ele procurasse outra amizade para obter o tal — e, até agora, não comprovado — empréstimo.

Nas suspeitas que envolvem Fábio Luís Lula da Silva, seu primogênito, o presidente tem, pelo menos em suas comunicações públicas, adotado uma postura mais compatível com o cargo, e repete que não irá interferir nas investigações, um tipo de declaração que deveria ser desnecessária em um regime democrático e republicano.

Marcola, que já havia deixado o cargo no palácio, não integra mais a campanha de reeleição de Lula. Cabe agora à Polícia Federal apurar se ele, de alguma forma, facilitou a vida de Roberta no governo, o que poderia indicar um crime. Ao presidente não cabe fazer nada: no máximo, pode pensar no que diriam seus companheiros de São Bernardo se ouvissem sua pergunta retórica sobre um empréstimo de R\$ 259 mil.

EDITORIAL

A sociedade da indiferença

Há algo muito obscuro por trás de um fato que deveria inquietar qualquer pessoa... Um corpo feminino foi encontrado na Avenida Aquidaban, na quarta-feira (05/04), uma das mais movimentadas de Campinas, por onde passam milhares de veículos e pedestres todos os dias. Não se trata de uma estrada deserta, um lugar isolado. Foi na área central da cidade.

E, inevitavelmente, surgem perguntas que talvez nunca sejam respondidas. Ninguém viu ou ouviu nada? Ninguém percebeu uma discussão, um pedido de socorro, uma movimentação estranha? E, pior, se alguém viu ou ouviu preferiu ignorar e seguir adiante?

São perguntas duras. Não para condenar quem estava por ali, mas para provocar uma reflexão sobre a sociedade que estamos construindo.

Vivemos uma época na qual a violência parece ter se tornado parte integrante da paisagem urbana. As notícias de mortes, agressões e assaltos se sucedem em velocidade tão grande que corremos o risco de perder a capacidade de nos indignar. O extraordinário virou rotina. O choque diante dos fatos dura poucos minutos... sendo substituído pela próxima manchete.

É claro que o medo nos paralisa e liga o nosso instinto de sobrevivência. Ninguém é obrigado a enfrentar um criminoso colocando a sua própria vida em risco. Mas entre o heroísmo e a indiferença existe um espaço enorme.

Acionar a Guarda Municipal, ligar para o 190, chamar outras pessoas, registrar uma situação suspeita... Pequenas atitudes podem salvar vidas.

Talvez o aspecto mais preocupante seja justamente a banalização. Caminhamos apressados, com os olhos no celular, protegidos por uma espécie de bolha emocional. Ignoramos o problema do outro ignoramos. Mas só enquanto ele não acontece conosco ou com alguém da nossa família. De resto, seguimos em frente.

Essa cultura da omissão cobra um preço alto. Quando deixamos de olhar para o próximo, preferimos fingir que não vimos, enfraquecemos os laços que sustentam a sobrevivência de qualquer comunidade.

O ser humano é uma espécie essencialmente social que precisa de conexões com outras pessoas para manter a sua saúde física e emocional. Precisamos pertencer a um grupo.

A morte na Aquidabã não pode ser apenas mais um número nas estatísticas policiais. Independentemente de quem seja a vítima e as razões da sua morte, existe uma família esperando por respostas, uma história interrompida. Existe um crime que precisa ser esclarecido.

Mais do que descobrir exatamente o que aconteceu, é preciso questionar o que está morrendo dentro de nós. Se uma vida pode ser perdida em plena região central sem despertar reações, talvez o maior perigo não seja apenas a violência dos criminosos, mas a indiferença de uma sociedade que se acostumou a conviver com ela.

OPINIÃO DO LEITOR

Pai merece

Pai é calor humano.Ensina lições de virtudes, respeito ao próximo, decência nas atitudes. Abre conta no banco. Torcem juntos nos estádios. Uniformizados, com boné. Pai sugere, alerta, lamenta, aplaude. Viajam juntos. Pegam cineminha, museus e teatros. Feliz do filho que ainda tem ombro carinhoso e amigo do pai para abraçar, beijar e agradecer.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasilia - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal